



PERPETUA

A GRANDE ACTRIZ CARACTERISTICA DE CINEMA
QUE SE ESTREIA NO FILME "MARIA DO MAR"

ANO III—SÉRIE II—N.º 92

O NOTÍCIAS ILUSTRADO

LISBOA, 16 DE MARÇO DE 1930

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DA EMPRESA NACIONAL DE PUBLICIDADE—SÉDE: RUA DIARIODE NOTÍCIAS, 78 LISBOA—TELEFONE: T. 821—TELEGRAMAS:—NOTÍCIAS LISBOA—OFICINAS GRAFICAS: OCOGRAVURA, LIMITADA, RUA D. PEDRO V 18 —TELEFONE: 2631 T.—LISBOA

PREÇOS DE ASSIGNATURA

6 MESES	
Portugal Continental e Insular...	35000
Ultramar...	30000
Espanha...	28000
Brasil...	45000
Outros países...	50000

12 MESES	
Portugal Continental e Insular...	70000
Ultramar...	78000
Espanha...	78000
Brasil...	98000
Outros países...	100000

24 PAGINAS NUMERO AVULSO 1\$50

DIRECTOR: LEITÃO DE BARROS EDITOR: ANTONIO DAS NEVES CARNEIRO-DIRECTOR GERENTE: CAROLINA HOMFM-CHRISTO

SIBILA um vento mau sinistramente,
Lá fóra, como um diabo às cambriolas...

Rangem os vegetais, em tom plangente,
Vagas queixas maguadas de violas.

O frio gela as mãos e, em «Zig-Zag»
Percorre o corpo todo em arripagos.
A chuva, na janela é um azorrague.
E a floresta povoou-se de arrepios.

De quando em quando, cresce o furacão.
Na sala baixa, á luz dum candeeiro,
Fausto—o olhar desvairado—ergue na
mão

A fronte, como em hausto derradeiro.

E logo, num assomo sacudido,
Olha as estantes, pienes de brochuras,
Buscando numa delas o sentido
Das intimas e extranhas amarguras.

Mas nada encontra a definir sua alma!
E vai postar-se em frente dum espelho
E, a olhar sua face tão vulgar e calma,
Fica pasmado de não ver um velho.



FAUSTO MODERNO

Por FRANCISCO DA SILVA-PASSOS

Lá dentro d'ele séculos passaram...
E os dramas mais pungentes desta vida
As sementes do Tédio despensaram
Onde vivia uma ancia irreprimida.

Procura mais. E em vão busca saber
O que lhe pede o coração ansioso.
Sente uma sede ardente de viver
E só no esquecimento encontra o goso.

A's vezes, chora lagrimas sem alma...
—Que éle proprio a si mesmo se tortura—
Martirio vão! pezada cruz sem palma!
Rôta véla perdida em noite escura!...

Onde está, se éle é triste e anciosamente
Busca o segredo alado da existencia,
Sem nunca ter achado o olhar clemente
Da sua atribulada Consciencia?...

Onde vive a encantadora Margarida,
Que num delirio lirico brotou,
Que não vem ensinar-lhe o bem da vida
E a Paz que em vão no Mundo procurou?:

—«Toma esta alma de gelo, envenenado,
«Arranca-a, Satanas! traga-a sem dô!
«Mas torna-me a existencia iluminada,
«Embora seja um momento:— Um só!»

Isto disse éle. E o corpo abandonado
Sobre a poltrona, o olhar perdeu no vago,
Lábios hiantes, como que aspirando
A tristeza das Coisas, dum só trago.

E' bem um Desgraçado que não sente,
Que a dôr Maior foi éle que a sonhou
...
Anda, lá fóra, um gargalhar demente,
Ri o Vento da Chuva que passou...

Lisboa, Dezembro de 1907.

Francisco da SILVA-PASSOS

HUMORISMO



—Quando vejo um leteiro, «é proibido cupir no chão», sabe o que faço?
—Não calculo. Cospo nas paredes?
—Não. Cospo em cima dos convidados...

(Do «Buen Humor»)

HUMORISMO

Onde está, pois, a mocidade em flôr
Que nêle se tornou numa ironia?
Onde está, se éle vive sem amôr,
E a vida não lhe traz uma alegria?...



—Não julgará, com certeza, que eu sou uma mulher ligeira...
—Quem tal pensasse desconhecia o sistema métrico decimal...

(Do «Euen Humor»)

Musicase Pianos

Gramofones—Discos—Instrumentos diversos

SOARES & VIANA, LTD.

48 — RUA DO LORETO — 50 LISBOA

TELEFONE 7. 699

O "NOTÍCIAS" ILUSTRADO

EDIÇÃO SEMANAL DO "DIÁRIO DE NOTÍCIAS"

QUANDO o chamaram para o almoço já a manhã ia alta, como uma cotovia alegre sobre o muro do quintal. Um sol vivo e quente, acariciador, gomos de ouro refulgindo no amarelo dos girasóis, crepitava tons mais fortes para além das latadas e um bafo morno trazia de perto a ideia de rozeirais floridos.

Levantou-se de vagar, como se qualquer coisa lhe ficasse pegada aos relógios alinhados para concerto, na mesa de trabalho. Percorreu-os, um a um, com o olhar, carinhosamente. Cada vez sentia mais a necessidade de conviver com aquelas «alminhas» de rodízios e, tal qual outro mestre Zacharius, era sempre com magoa que as abandonava...

Olhou para o quintal e do muro branco, caído e lizo, pareceu-lhe que uma pancada de luz caía a tombar-lhe nos olhos cansados, fartos da atenção constante das rodinhas e pequenas engrenagens dos relógios. Elevou as mãos e tapou as orbitas, esfregando-as um pouco. E lento, entorpecido um pouco nas pernas magras, foi almoçar.

A vida ia cada vez pior—pensava. Desde que principiara a mudar de casa, sempre para mais modestas, de decadência em decadência, que lhe parecia ver-se metido num círculo—diz a dja mais estreito—que ameaçava esmagá-lo, reduzi-lo à impotência, á tragica sufocação de não ganhar para comer... Antes, anos bastantes já passados, era só na vila; depois vieram outros, do mesmo officio, concorrendo, mais novos e mais habéis. E a frequenzia afastar-se, na ordem natural da vida. Só raros, antigos, habituados ás palestras ou ainda por dó, tinham ficado fieis, e, de longe em longe, traziam os relógios para compôr.

O círculo era cada vez mais estreito, garrotando-o, como se mãos invisíveis, mas enormes e frias, viessem de fóra a empurrar as colzas e os acontecimentos, num troyel de planos, pastosamente... Onda a avolumar, a escurecer as esperanças, numa avalanche fantasmica de todas as illusões perdidas—esses sonhos da hora antiga hoje só emoldurados na memoria, longiquamente, e tornados até hostis pela irrealização... O passado, esses momentos vagabundos de longe, quando novo e forte, quando alegre e com boa vista! Agora até os olhos tinham entrado naquele conciliabulo dos sonhos onde a sua perdição fora jurada... Até o sol o irritava. De manhã quando abria a janela, a claridade que vinha de fóra magoava-o, porque a luz apunhalava a sua vista dorida por anos de trabalho applicado...

Só a mulher, loira e nova, lhe esmaltava na vida um pouco de alegria... Sobretudo, a sua voz mecia, quente e maviosa, dava-lhe uns momentos de extasi afóra do continuo cachoar, precipitado, da sua vida em rampa e sem destino...

O QUE VEM DE FÓRA



NOVELA CURTA DE CARLOS SEQUEIRA
ILUSTRADA POR MARTINS BARATA

—Sabes? Velo de fóra o engenheiro. Voltou para as minas... Já cá esteve a procurar-te, ontem...

—Disse-lhe que tinhas ido á cidade... Deixou ficar para concerto um relógio de pulso... Está em cima da tua mesa...

O velhote sentiu um calor subir á cara eídrosa. Sempre que a sua mulher—nova e linda—lhe falava no engenheiro uma onda de ciume vinha alagar-lhe a alma... Já tinha mesmo percebido que as visitas desse homem eram só com um fim... Mas como era dos poucos clientes, calara-se; e ia remoendo os ciumes, sem nunca ter aludido, sequer, a uma troca de olhares que uma tarde surpreendera... Havia já dois meses que o engenheiro não aparecia. Agora, a noticia do regresso fóra como que uma pancada á falsa fé na negra estrada da sua triste vida...

Outra vez! Voltava para lhe amargar até as magras sopas.

E então crispou com força as mãos esqueladas e dos olhos, os seus olhos combalidos, as lagrimas assomaram sem que pudesse resistir e sem pensar mesmo em resistencia...

Foi então que entre a figura do engenheiro e de sua mulher, entre-cruzadamente, viu melhor o negrume denso da sua situação, quasi sem poder trabalhar, a tratos, mais dia menos dia,

João Ninguém

Tendo-se recebido nesta redacção uma carta critica, sem ironia, muito interessante, sob todos os aspectos, e assinada pelo pseudonimo João Ninguém pede-se ao seu auctor o favor de declinar a sua direcção.

com o fantasma da fome! Se ao menos tivesse boa vista havia de lutar, que os braços ainda os tinha rijos—para se defender desse que vinha de fóra—ele bem o presentia—roubar-lhe a unica alegria da sua vida! Ah! que se pudesse trabalhar!...

—Não lhe dê cuidado. Vae lá para as minas. Assim já não cansará a vista. O trabalho que lhe destino será leve. A' noite jogaremos o xadrez... Convem-lhe?

—Obrigado, senhor engenheiro. Mas não posso porque não devo deixar minha mulher sosinha...

—Mas sua mulher também pode ir...

Percebeu, num relance, toda a mascarada da oferta. Não era a ele que lhe ofereciam um lugar. Era pela beleza da sua mulher que a ele davam, como que acenando, uma esperança de coiza... Compreendeu tudo.

Foi nesse momento que, também, uma clareza se alargou na densa floresta dos seus pensamentos emaranhados...

Se não aceitasse ficaria reduzido a ter que sair de casa—a oferta do lugar viera depois de, numa necessidade de desabafo, ter contado ao engenheiro que o senhorio o ia pôr na rua...

Caiu-lhe a cabeça entre as mãos, sobre a bancada dos relógios. Violentas, as lagrimas, em catadupa, rolaram dos seus olhos e o corpo tremeu-lhe, ballante, na convulsão do choro...

O engenheiro vendo-o assim, disse-lhe: —Não vale a pena comover-se. O que é necessario é evitar as suas necessidades, de momento estou certo, mas, enfim, necessidades... Não se apoquentasse...

Que não se apoquentasse, como se ele fosse de borracha e se não tivesse vergonha!... E no entanto tinha que aceitar... Era a abominação completa, o resvalar para a lama, mas tinha que aceitar... Seria ter as faces sempre vermelhas de pudor, mas não sentia forças para se separar dela e por ela e pela sua cobardia, tinha que aceitar...

Quando levantou a cabeça escaldada, para, num arranco, dizer que sim, embora com a alma esfiapada e disposto a arrotar com o seu proprio pezadêlo—percebeu que uma nevoa cinzenta toldava o ambiente e foi num arranco doloroso que da boca lhe saiu um grito enorme, fendendo o ar, grito em que ia toda a sua vida, de roldão com as perdidás esperanças e com as suas vergonhas...

A comoção, a dôr, a miséria e a vergonha tinham cegado para sempre aqueles olhos como que para não poderem ver as torpezas da terra, o cinismo de tantos e o mal dos outros...

A noite em que ia viver—irmã do sonho—seria, enquanto vivo fosse, a sua defeza o seu unico refugio...

CARLOS SEQUEIRA

SPORT

DEPOIS do interregno duma semana sacrificada ás diatribes de Momo, voltou a animação aos campos de desporto. O foot-ball, o rugby, o basket, o hipismo, foram tudo desportos que deram sinal de si, em pugnas animadas embora nem sempre brilhantes, nem todas norteadas pelo espirito desportivo que seria para de-sejar

Em foot-ball, o Campeonato de Lisboa deu-nos duas vitorias, do Belenenses sobre o União-Lisboa, por 7-3, e do Sporting sobre o Carcavelinhos, por 6-0. E mais dois empates de 1-1, entre Bemfica-Casa-Pia e Chelas-Bom Sucesso.

Nada de extraordinario, afinal. Nos encontros em que houve vencedores e



EM CIMA:—José Luiz aponta as redes. Amaro defende.—EM BAIXO:—Donga, de cabeça, intercepta uma avançada dos «vermelhos».

(«Fotos» A. Bivar).



EM CIMA:—Um ataque do «Bemfica» às redes do «Casa-Pias». O defesa deste ultimo falha de cabeça e Oliveira envia o esférico a Roquette que defende.—EM BAIXO:—Roquette sai das redes e encaixa um remate de Guedes.



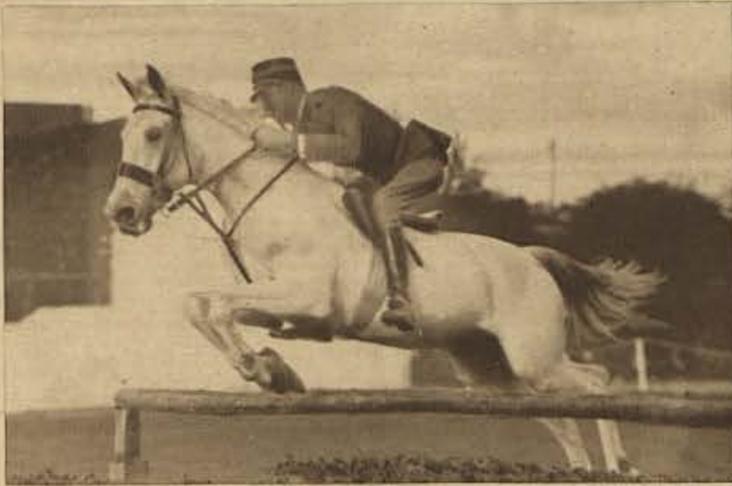
vencidos, a vitoria premiou, com justiça, o trabalho dos melhores. Se ao Belenenses não se tornou difficil vencer o União, visto que o club de Santo Amaro marcha de mal a peor, o Sporting tambem não teve embaraços em mimosear o seu adversario com meia duzia de «goals». Disse-se até, que os «leões» puderam alcançar tantos pontos porque o guarda-redes alcantarense é um discipulo fervoroso de certo heroe dum romance que Paulo de Kock intitulou «As mulheres, o jogo e o vinho...»

E dahi, o facto de não ser o Sporting quem tenha razão de embriagar-se com tão simples triunfo.

O empate Casa Pia-Bemfica, foi o grande resultado da tarde do ultimo domingo, pela mexida que veiu trazer á classificacão geral e pelas condições em que foi verificado.

Disputado num ambiente desgraçado, por entre o berreiro duma multidão que ali tinha ido não para presenciar a partida, mas para perturba-la, este jogo Casa Pia-Bemfica deu lugar a um espectáculo degradante que não honra os clubs nem o publico—e muito menos honra o desporto.

Foi o jogo da caça ao homem, na sua expressão mais repugnante e anti-desportiva. O arbitro, sem estatura para se impor naquelle mar revolto de ruins paixões, consentiu que os jogadores se agredissem



quanto e como quizeram. E quando quiz dar um exemplo, ordenando a expulsão de dois dos desordeiros, acabou por ser vítima da sua liberalidade, sendo por seu turno agredido em pleno campo.

Resumindo—aquilo não foi um jogo cujo resultado se recolhe e arquiva. Foi uma vergonha que ficará a enodoar o nome dos clubs, a atestar a incapacidade dum arábitro e a comprovar a falta de educação de grande parte do publico.

No Bom Sucesso-Chelas, as coisas passaram-se sem nada digno de loxvor ou censura, empataram por 1-1, e continuam a marchar na cauda da classificação como bons companheiros de desgraça.

*

Em rugby, o Sporting venceu o Benfica, mas com certa dificuldade, por 3-0, e o Ginasio levou a melhor deante dos Belenenses, que perderam por 12-0.

*

Em hipismo, perante uma assistencia elegante e numerosa, Oliv-



Nas poules hípticas do último domingo em Padiavã. No alto: um belo salto do cap. José Mousinho no «Hebraico». Em cima: A' ESQUERDA: John B. Warrior no «Beautiful» vencedor da 1.ª poule; A' DIREITA: Oliveira Reis no «Norfolk» vencedor da 2.ª poule.

(«Fotos» Ferreira da Cunha)



Três aspectos da elegante assistencia ás poules. («Fotos» Ferreira da Cunha)

ra Reis e John B. Warrior foram os vencedores das «poules» do programa.

*

Em basket-ball verificou-se a animação do costume, havendo apenas a destacar a victoria do Probidade sobre o grupo campeão de Lisboa, que por sinal é do Barreiro.

RAUL DE OLIVEIRA



Cinema Português

I

O Conselho da Universidade de Berlim (Faculdade de Ciências) convidou Eisenstein a dirigir um curso completo de cinema, fazendo inscrever nele, gratuitamente, os laureados das cadeiras de física. Na Polónia, crearam-se durante um ano quatro grandes clubes ou «observatórios» de cinema, como agora se diz.

Na Tcheco-Slovaquia, em 4 meses de verão produziram-se cerca de dez filmes. Seis deles foram adquiridos pelo Estado, pela sua natureza de altos documentários culturais, e difundidos por cerca de duas mil máquinas de projecção que tantas são as que existem em escolas primárias, secundárias e superiores desse admirável país, onde o presidente do primeiro município tem 30 anos, é ainda «boy-scout», e possui naturalmente em si todo o interesse pela vida e pelo futuro correspondente à sua surpreendente mocidade.

Em Inglaterra, na fria e calculista Inglaterra, a produção, depois da hesitante paragem dos «talkies», está num progresso indiscutível. Na pequena Bélgica, a produção, muito protegida oficialmente, lançou seis filmes na corrente época, além de outros seis documentários, todos valiosos, e cuja difusão em Africa, só por si, pagou o desembolso enorme do seu custeio. Em Tokio, em Budapeste (onde os ingleses se instalarão este mês para um entendimento de «talkies», em Compenhague, em Amsterdam, em Varsovia, em Viena, em Roma, em Milão, em Barcelona, em Madrid... em todo o mundo se trabalha diante das objectivas, na arte formidável, actual e unica das imagens animadas!

— E nós? Também nós estamos, parece-me, no limiar dum esforço, embora de resultados imediatos muito restrictos.

A Inspeção Geral dos Espectáculos, dedico, principalmente, estas linhas. Não conheço, nem de vista, a pessoa que os acasos da politica da Ditadura levaram para a direcção e organização do espectáculo publico no nosso país. Têm-me dito aqueles que de perto conhecem o official do exercito a quem está confiado pela situação actual, esse encargo transcendente, que um forte sentido de patriotismo, e um inflexível espirito de equitativa justiça preocupam os seus actos.

Embora entenda, de ha muito, que o espectáculo publico, pela sua missão nitidamente cultural deve ser affecto ao Ministro da Instrução e não ao do Interior, e não me mereça portanto simpatia, uma organização donde a representação das Belas Artes e das Belas Letras está excluída, faço justiça às intenções e a muitas das realisações da actual Inspeção dos Espectáculos.

São de registar entre outras coisas o esforço em dotar de segurança as nossas casas de espectáculo. Bastaria isso para deixar assinalada a passagem do actual Inspector dos Espectáculos pelo seu cargo. São essas obras, duradouras e praticamente uteis, que fazem os cargos e os tornam aceitáveis na opinião publica. As trombetas politicas passam depressa, e nada valem mais do que transitorias lisonjas, sem cotação nem merito. E dessas lisonjas não sei nem quero saber.

Porque dedico estas linhas à Inspeção Geral dos Espectáculos e as encimo com o titulo de cinema português? Porque, de ha longos meses, a Inspeção Geral dos Espectáculos estuda uma lei de protecção à cinematografia nacional. Propositadamente tenho esperado no mais completo silencio, a lei annunciada. Com prazer teria nela colaborado, não para defender interesses pessoais por mais legítimos que fossem, mas por sincerissimo amor da minha terra, e porque acho que todos os que temos uma ideia, um alvitre, ou uma vontade justa, devemos lealmente apresenta-la e defendê-la, contribuindo com a nossa intelligencia e com a nossa cultura para o aperfeiçoamento geral. Mas não colaborei. Não sei o que a lei diz. Não sei quando a lei sairá. Sei apenas que, nesta situação ou na que se lhe seguir, mais tarde ou mais cedo, é indispensavel, imperiosamente indispensavel, uma lei protectorista de cinema nacional.

E, essa lei, estudá-la-hemos, brevemente, em algumas notas desprezeticiosas.

Se as achar rasoaveis e exequiveis, que as aplique quem tem poderes para isso.

J. LEITÃO DE BARROS



Por V. CHAGAS ROQUETE

INFORMA o «Matin» que, em New-York, uma comissão nomeada expressamente para estudar a maneira de evitar os ruídos incómodos, resolveu recorrer à applicação de multas aos delinquentes. Por exemplo: será punido com a multa de 2 dollars quem, ao regressar do teatro ou de «soirées», fizer barulho e perturbar o descanso dos vizinhos. Pagará um dollar quem tiver incontinências de gramofone a horas inconvenientes. O ladrar dos cães e o miar dos gatos é punido com meio dollar. O escape livre e outros desabafos dos snrs. automobilistas custam três dollars, etc.

Em Portugal, e especialmente em Lisboa, o respeito pelo nosso proximo é cousa incompreensível e desconhecida para a grande maioria. Portugal é o paiz do escape livre. Os automoveis, os oradores de mesa de café, os estadistas de Junta da Parochia, tudo usa o escape livre, para dar saída aos gazes da combustão ou aos gazes do talento.

Às 7 horas da manhã a mulher da fava rica enceta a serie de pregões com alguns compassos do hino à dita fava. Segue-se-lhe o cauteleiro baritono, que se instala na placa da rua, para nos informar de que amanhã é que anda a roda. Sob a escada o garoto dos jornais, gritando: — Jornal! O «jornalista» crusa-se com o leiteiro que se anuncia com a traquinada das bilhas, bilhinas e accessorios correlativos. Bate às portas e, enquanto rouba na medida do leite empestado, dirige «piropos» às criadas que se estorcem em deliciosas e alvarissimas gargalhadas. Entretanto a vizinha do 2.º enceta um pacote de descomposturas para uso e proveito privativo da familia. Segue-se uma pequena acalmia logo interrompida pelo balar do petiz da porteira, cuja porteira trabalha aos dias em casa da vizinha do 2.º. O petiz berra: — O mãe! — A mãe debruça-se, do patamar, e solicita, cheia de carinho, berra para baixo: — Cala a boca, estupor! — Este dialogo, todo em frases curtas e incisivas, dura uns dez minutos.

Nas varandas das trazeiras dos predios, as criadas disponiveis cantam, lavando a roupa, varias romanzas tais como: Ai que sarilho, ser pai dum filho — Ramona — Fado do pão de ló e outros trechos classicos. E' chegada a hora da vizinha do 4.º sneudir o tapete para a varanda do 3.º onde a criada sacode a passadeira para a varanda do 2.º donde sacodem o capacho para a do 1.º que, por sua vez, varre o lixo para o patio do rez do chão cujo feliz inquilino o colecciona carinhosamente na estremeira do referido patio onde pratica a criação intensiva das mósas para distribuição gratuita aos domiciliados.

Entretanto, das janelas da frente, sacodem-se as roupas de cama, e os competentes cobertores para que as pulgas e outros insectos domesticos saltem em «doo-ping-the-loop» sobre os transeuntes desprevnidos.

A execução do programa ocupou as horas do dia. Chegada a noite, temos os varios pianos, gramofones e T. S. F., em concorrencia sonora, até que, por volta da 1.ª hora da madrugada, começam saindo as visitas dos inquilinos do predio. As senhoras, ao despedirem-se na escada, fazem, em altos gritos, as combinações para o dia seguinte. Fecham-se as portas com ruído. Tudo parece socegar, finalmente. Pura ilusão! Os cães dos quintais ladram serenatas à lua, enquanto os estudantes do liceu, com anos perdidos por faltas às aulas, ladram, às meninas casadouras da visinhança, fados do Meneno com gargantelos indigestos. Na garage defronte, um chauffeur experimenta a buzina do automovel com acompanha-

LIVROS

O PRETO DO CHARLESTON—romance de Mário Domingues.

ROMANCE com tudo o que é preciso para agradar ao grande publico, a última obra de Mário Domingues lê-se com um interesse que, não sendo de ordem intelectual, sendo mesmo duma carta puerilidade, se justifica plenamente. Romance dinámico, em que as paixões assumem ritmos desenfadados e as scenas se desenrolam vertiginosamente, é uma obra que não cansa. Não sei de outro elogio que me pareça mais merecido e mais ambicionado pelo autor, que — segundo bem se compreende pela leitura do seu romance — está apto a, muito legitimamente, poder aspirar a triunfos litterarios talvez menos retumbantes mas de natureza um pouco mais elevada.

CAMINHOS DA VIDA—contos de Helena de Aragão.

Em minha opinião, estes contos valem mais pela forma do que pelo entreccho, pelos temas, que são dum completo sabor romântico. No entanto, é de justiça reconhecer que a imaginação da autora é fértil, incansável. A prosa é colorida, fluente, sem hesitações. Os descriptivos tem amplitude e verdade. Dum modo geral, «Caminhos da Vida» é um livro de leitura agradável, que deixa a impressão de ser um livro destinado a leitores sem exigências intellectuais mas do gosto são e equilibrado—. Idosas senhoras da provincia, para quem a Vida tem sido, por sua felicidade, um único, tranquilo e doce caminho...

O PLEGRINO—(4.ª edição)—quadro dramático de Orlando Marçal.

Um poemeto dramático que se apresenta em quarta edição e acompanhado por quasi um cento de comentários elogiosos assinados por outros tantos escritores de maior ou menor nomeada, tem a sua critica já feita. Mesmo que apeteceasse por restrictões a tanto elogio... pensava-se duas vezes, antes de satisfazer o appetite... O autor informa-nos que publica esta quarta edição para se desonerar dos reiterados pedidos do mercado brasileiro. Quere isto dizer que, apesar de haver grandes poetas no Brasil, ainda por lá se arranja tempo para saborear os alexandrinos compostos que um estudante de Coimbra compoz há quasi trinta anos, em certa manhã de abril. Resta apenas, portanto, felicitar o autor por tão potente inspiração que em boa hora o busfelou e—como se diria no século das Nezes e Nerinas—o fez voar, nas azas da Pama, sobre as revoltas ondas do Oceano...

Thereza LEITÃO DE BARROS

mento de explosões do motor. No predio em que moro, o gato malhado do vizinho do 1.º, cujo gato conseguiu desinquietar, para fins inconfessaveis, uma gata preta menor, mia desabaladamente cousas intimas.

Vem rompendo a manhã e não tarda aí a mulher da fava rica, etc. etc.

V. CHAGAS ROQUETTE



Fricção de

Espirosal

contra

**Reumatismo,
Lumbago, Dôres articulares.**

A Fricção de Espirosal completa eficazmente a acção benéfica dos Comprimidos de Aspirina

ECOS, NOTÍCIAS E CURIOSIDADES

Libras—para quê?

FORMIDAVEL um artigo de fundo publicado recentemente pelo «Diário de Notícias»—assinado pelo grande escriptor Agostinho de Campos, sobre a fisionomia de Lisboa?

Porque triste sina o nosso país, tendo pensadores e orientadores formidáveis, como o eminente professor e crítico, se entrega às vezes nas mãos de honestas nullidades incapazes de faiscar o mais fugidivo lampejo? Porque esta inversão sistemática de valores, trazendo ao de cima a banalidade cachética e oportunista—e deixando no pudor da sombra, eternamente, os que podiam, pela sua cultura e pelo seu pensamento, intervir e governar?

Onde o largo plano de fomento urbano que Lisboa precisa?

Decerto a actual vereação tem arrumado bastante certos desleixos que há tempo se arrastavam e a sua actividade tem o que quer que seja de simpática dona de casa, asseada e burguesa.

Mas isso não basta—comquanto mereça louvôr. Isso é pouco—muito pouco!

Fala-se de empréstimo ao Município—e nós trememos. Onde o grande plano que tem de ser discutido e orientado para não resultar uma serie de desconexos caprichos?

Veja-se e medite-se no que se está fazendo no Parque Eduardo VII. Nós não temos rancores, despeitos, ou politicas e sinceramente temos louvado a Camara nas suas resoluções úteis, mas desejamos tambem que os nossos filhos não nos accusen mai tarde de termos deixado passar em julgado barbaros atentados de bom senso e de bom gosto.

Como se compreende, a umas centenas de metros do Rocio, no coração mesmo da urbe, aquelle retro dos pacatos? Que falta de perspectiva e de visão social não accusa quem tem a coragem de gisar tal obra, em 1930, e já em pleno conhecimento do ritmo das aglomerações modernas das grandes metropoles? O que significa aquelle morro circundado por uma grade de capoeira, com cascatas de «abominable pitoresques» e curiosidades deslocadas e improprias do resto, como a estufa fria—ingenua gloria domingueira sem sombra de utilidade de material ou estetica?

Capricho pelintra dum ratão em férias—o Parque Eduardo VII tem o ar de ser arranjado aos domingos, como quem arranja o quintal; hoje trouxe um pavilhãozinho comprado no ferro-velho do Brazil, amanhã um visinho deu-lhe um candieiro para pôr á volta do lago, a prata da casa vai dando um calceteiro, e um engenheiro «curioso» tracejou curvas caprichosas. Antes não fazer nada! Assim não fica melhor do que estava porque depois custa mais dinheiro a deitar abaixo e a pôr bem.

Não dissentimos as intenções—e a vontade de acertar. As contas, a honestidade, o orçamento, a disciplina burocratica—tudo estará certo. Mas falta caco. Falta cultura, viagem, largueza de vistas, plano, consciencia, cabeça, e esse saborsinho de civilização e de mundo que é impossível sentir aqui de Lisboa, dos Poiaes de S. Bento ou do Pote das Almas.

Se a Camara Municipal de Lisboa se não sente com coragem ou com pachorra e com idade, para as iniciativas de que Lisboa precisa—e que a sua população merece—tem ainda, dentro das coisas rasoaveis, modestas e accessiveis a quem não quer ou não sabe ver longe, muito a fazer. Os pavimentos de Lisboa estão uma vergonha nunca atingida. Os passeios centrais de todas as avenidas nunca estão por completar—tendo-se investido com o mosaico novo do Terreiro do Paço, antes de completar as ruas que, por mais movimentadas, dele precisavam. A mesma politica se seguiu na Rua 24 de Julho—Rua filha—e não como as outras—entada. O Campo Grande ficou em meio—abandonado—mas começou-se a Avenida da Índia—pomposa e espectacular.

Lisboa não tem agua. Comissões, questões, sindicancias, despachos, comunicados, notas officiosas, campanhas jornalisticas, tudo em abundancia. —Mas agua, nada! E isto é irrefutavel.

* * *

Sob o ponto de vista da organização burocratica interna, parece, a Camara Municipal, melhorou. Disciplinou, proibiu abusos, depurou. Não sabemos se praticou injustiças, se errou.

E' porem voz corrente que alguns serviços melhoraram. Mas que tem que ver esse criterio de administração interna, por muito honesta que seja, com a largueza mental precisa para gisar o vasto plano de que Lisboa está á espera?

Alguna coisa se tem feito—dir-nos-hão. Estamos de acordo. Simplesmente o que se fez de bem feito e de certo, não chega de forma nenhuma. E Lisboa, não pode ficar eternamente neste grotesco amontoado de casaria, sem orientação nem lei.

Arranjaram-se libras? Pois muito bem: é preciso não as estragar, e, sobretudo, não estragar mais Lisboa com elas!

Simbolismo religioso

NAS cerimónias de baptismo, costuma-se empregar o sal. Todos os autores que tem estudado o simbolismo do culto christão são concordes em que se trata dum rito antiquissimo, de instituição apostólica (já Origenes, que viveu no século III, se refere a elle, na «Homelia sobre Ezequiel»). Santo Agostinho afirma que sempre se fez uso do sal no sacramento do baptismo. Mas no que há divergências é no significado desse rito. Em geral, os Padres da Igreja



aceitam-no como o emblema da sensatez que deve brilhar nam christão. Outros, porém, consideram-no como um juramento de fidelidade, conforme ao que praticavam certos povos que, para jurarem ao seu rei uma inviolável submissão, comiam sal na sua presença.

Aves de emigração

SABE-SE que muitas aves emigram periodicamente, passando o verão nos países frios e o inverno nos países quentes. Tem sido feitos muitos estudos no sentido de averiguar a extensão dessas deslocações e as condições que parecem determiná-las.

Capiturando inúmeras aves de emigração, prendem-se-lhes uns pequenos anéis ás patas, o que permite reconhecê-las, quando são recapturadas. Entre as numerosas especies que tem sido assim estudadas na Europa, uma sobre que tem sido possível obter mais informações, é a da cegonha branca. As cegonhas, nascidas na Dinamarca, deixam a sua pátria no outono, seguem pela península da Jutlandia, depois vão ao longo dos vales do Elba e do Oder, atravessam os desfiladeiros dos



LINDAS! LINDAS! LINDAS!

são as nossas molduras para retratos de fabricação inglesa, em primorosos desenhos de requintado bom gosto e nos mais diversos formatos e cores.

Estas molduras, além da beleza e elegância que darão ao seu lar, são a maior prova de estima que pode consagrar aos retratos das pessoas suas amigas.

Visite a nossa exposição e se reside na provincia, envie-nos de preferência a fotografia ou então as medidas, e enviaremos na volta do correio molduras que V. Ex.º ao vê-las não deixará de dizer como nós: são lindas, lindas, lindas!

PAPELARIA DA MODA

167—RUA DO OURO—173

Carpatos e da Transilvânia e, em seguida, pelos Balkans, Dardanelos, costas da Asia Menor e da Siria, dirigem-se, em extensos vôos, para os grandes lagos da Africa Oriental, e para a extremidade meridional da Africa, chegando assim a afastarem-se oitenta mil quilometros do lugar onde nasceram.

A T. S. F. ao serviço da Igreja

AS applicações da telefonia sem fios são cada vez mais numerosas e uteis. Agora, é a Igreja que aproveita dessa maravilhosa conquista da sciência.

No alto mar, a grande distancia da costa occidental da Noruega, existe uma ilha deserta, chamada Grip, cuja população não excede cem pessoas. Como não há padre algum na ilha e esta só recebe a visita dum pastor umas três ou quatro vezes por ano (realizando-se então os casamentos, baptizados, comunhões, etc.), acontece que os habitantes se vêem em sérias dificuldades para se desobrigarem dos seus deveres religiosos. Para obviar a este inconveniente, resolveram instalar na ilha um posto de telegrafia sem fios. Um «haut-parleur» foi instalado na pequena capela de Grip e, ligado com a estação mais próxima, permitiu assim ás almas dos crentes julgarem-se em presença do padre que pronuncia as palavras divinas.



Penhores régios

DIZ-SE—mas a História não o confirma—que a rainha Isabel, a Católica, empenhou as suas joias para ajudar as despesas com a viagem de Cristovão Colombo. D. João II, rei de Castela, para prover aos gastos da guerra, empenhou a cidade de Valência um magnifico colar de ouro, enfeitado com perolas e uma variedade de rubi, que era então muito apreciada. Herdou essa joia o rei Fernando, o Católico, o qual a ofereceu, como presente de casamento, a D. Isabel, guardando-a esta, para a empenhar em casos dificeis. Quando da tomada de Braga, pouco antes da conquista de Granada, foi essa joia empenhada. A cidade de Valência tambem, sobre a garantia desse colar e da coroa de Castela, emprestou, mais tarde 60.000 florins aos reis católicos.

Uma casa feita duma só peça

TERMINOU agora, junto das quedas do Niagara (em Niagara Falls), a construção duma casa de aço com oitenta metros de comprimento e catorze metros de altura. Esta casa não apresenta nenhuma juntura visivel. Todas as peças foram unidas por meio de soldagem autogénica, de forma que o conjunto, que tem um peso considerável (297 toneladas) constitue agora uma só massa, duma solidez inigualavel e que deve estar á prova de tudo.



ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



VIDA ARTISTICA

PROCOPIO FERREIRA

O GRANDE ACTOR BRASILEIRO, QUERIDO DAS PLATEIAS DA REPUBLICA IRMÃ, GRANDE AMIGO DOS PORTUGUEZES, VIRÁ, DENTRO EM BREVE A PORTUGAL EM VIAGEM DE RECREIO—ALGUMAS BREVES PALAVRAS Á CERCA DO ILUSTRE ARTISTA CARIOCA.

PROCOPIO—essa figura simpática, querida das plateias dos Estados Unidos do Brasil virá em breve a Lisboa, como já dissemos no nosso n.º 63. Grande animador da vida do tablado, culto e elegante, Procopio Ferreira é um nome firmado sobre uma vida inteira de grande trabalho de que é detentor de uma vocação superior e de um espirito notável.

Grande amigo de Portugal tem pelo nosso paiz um culto profundo. Conhece a nossa literatura e a nossa civilização. Da nossa historia de nautas e descobridores tem uma certeza e uma grande amizade.

Confirmando, pois, a noticia da vinda do grande actor brasileiro e publicando-lhe um dos seus ultimos retratos

só desejamos que o nosso abraço de boas-vindas seja dado muito em breve, como prova da consideração que nos merece o ilustre artista, tão querido dos brasileiros e que o será—não temos duvida—tambem, dos portuguezes.

E' já de nós conhecida, por largas referencias, a graça esfusante do seu genio comico. Mil e mil vezes nos tem contado anedoctas onde a figura de Procopio toma um particular relevo, sempre com um dito a proposito ou com uma frase a tempo. Filho do humorismo, na sua marca glabra ha, contudo, o logar para expressionar todas as comocões, porquanto Procopio Ferreira é um actor generico que não só na farça é grande; tambem o é na alta comedia e mesmo no drama. E' o que se chama—um artista de raça!

O CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DO POETA JOÃO DE DEUS

JOÃO de Deus—poeta e pedagogo—imortal autor do «Campo de Flores» e da «Cartilha Maternal» teve, com a passagem do «centenário do seu nascimento, a consagração que o seu nome merecia.

Foi, em diversos pontos do país uma carinhosa manifestação de respeito pela obra



EM CIMA:—Augusto Casimiro lendo o seu discurso no Museu João de Deus. A' ESQUERDA:—Assistencia, no Porto, à sessão de homenagem realizada pelos Amigos da Escola Primaria.



do grande poeta que nos legou o ritmo dos admiráveis versos e o resultado dos seus estudos sobre a educação das creanças que ele sempre amou com carinho elevado.



(«Foto» Jaime Ferreira)



O PERIGO DAS VELOCIDADES.

FORAM tomadas, estas fotografias, de um desastre ocorrido na manhã de terça-feira de Carnaval, próximo de Torres Vedras. O carro que pertence ao sr. Evaristo Jagasetta, ficou como se vê... tendo os seus passageiros saído completamente ilesos.



(«Fotos» Antonio da Veiga).





PERPETUA—

é grande actriz característica do cinema português que se estreia no filme «MARIA DO MAR»

A sua arte é realmente extraordinária, pela emoção com que vive o caso dramático que lhe é apresentado.

Sendo toda a sua vida, uma modestíssima empregada, habituada a conviver com artistas eminentes, sem que jamais alguém nela tivesse reparado, pois da sua penumbra humilde ninguém esperava qualquer demonstração artística, Perpetua, quando lhe foi dado o cocejo de viver em papel dramático, encarnou-se nele à maravilha.

Reflexo de tristeza e do drama da sua própria vida, Perpetua, em «Maria do Mar» fez um papel de mulher do Arrais Falacha (Alves da Cunha) que um naufrágio leva ao suicídio. O odio divide a sua família da família vizinha. Nenhuma actriz daria melhor do que Perpetua a expressão feroz desse odio do povo, frio, e surdo, e que as lágrimas duma creança conseguem abrandar.

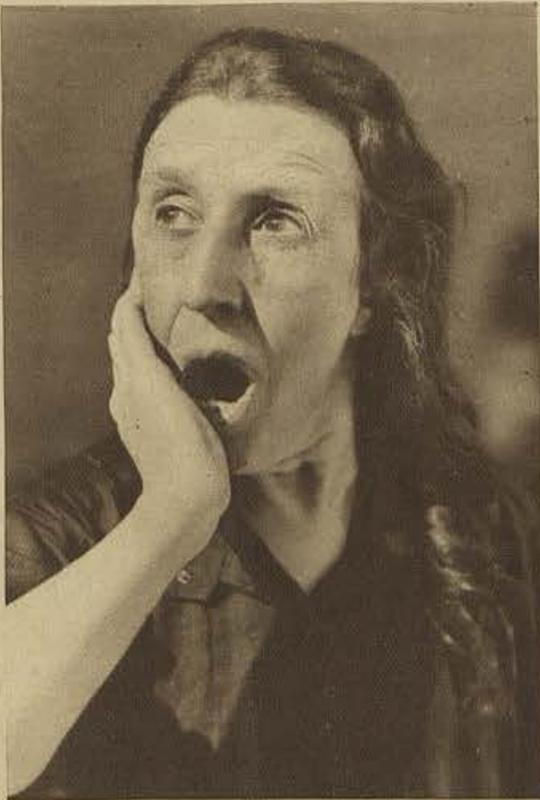
A' ESQUERDA:—Perpetua na interpretação do seu papel em «Maria do Mar».



O jantar dos pescadores em «Maria do Mar». A' DIREITA:—Na capela de Nossa Senhora dos Aflitos—Perpetua e Rosa Maria, a mulher e a filha do arrais morto.



○ cinema, mais do que o teatro permite a aparição súbita de artistas. Tratando-se duma arte em que a máscara é tudo e em que, a maior parte das vezes, o talento do realizador (que é uma espécie de crítico em primeira mão) supre as faltas de talento dos interpretes é natural um caso como o de Perpetua. Esta artista que possui uma das mais assombrosas máscaras que têm aparecido na tela, pela sua sensibilidade e pela espantosa sinceridade que imprime ao seu jogo de scena, é uma actriz revelada dum salto, sem preparação nem escola.



O espanto e a idiotia depois do grande naufragio.

* * *

Nesta pagina damos algumas scenas de «Maria do Mar» o filme português da S. U. S. em que intervem o grande temperamento dramatico de Perpetua e a novel estrela «Rosa-Maria», a deliciosa protagonista do filme, lindissima rapariga portuguesa de 29 anos, flor da Raça, pura e fresca, que ilumina com a sua casta belesa, e com os seus incomparaveis olhos a figura dulcissima de «Maria do Mar».



A dôr serena e incomparavel da viuva.

T E A T R O ALMAS DE MULHER NO «NACIONAL»

O belo quadro historico, em versos, de Gustavo de Matos Sequeira (Vicente Lisboa) «Almas de Mulher» que tão elevado exito tem obtido no Teatro Nacional, é, na verdade, uma afirmação do seu auctor que encontrou nos interpretes da sua obra admiraveis colaboradores.

As nossas gravuras mostram, (à direita) a grande actriz Amelia Rey Colaço no papel de «Menina e Moça», e (em cima) as gentis Maria Clementina na «Flôr da Murta» e Emilia d'Oliveira em «Soror Violante do Ceu»; (em baixo), as actrizes Maria Brandão, Lucia Mariani e Maria Lalande, respectivamente em «Garça Real», «Marilia de Dirceu» e «Sempre Noiva».



(Fotos Ferreira da Cunha).



UMA REVOLUÇÃO NO TEATRO PORTUGUÊS

OS DITADORES DAS PERNAS

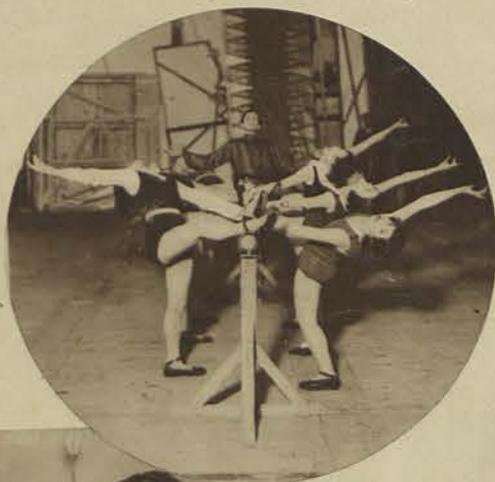
Francis, o grande bailarino português, o animador admirável que deu novos ritmos e novíssimos horizontes aos bailados teatrais portugueses e conseguiu apresentar um grupo de «girls» de raras qualidades.



Um treino de todos os dias no Maria Victoia—Um ensaio de conjunto dirigido pela velha pratica de Augusto Soares.

FOI, no Teatro Novo, ha cinco anos, que rebentou a primeira granada do «movimento revolucionario» dos bailados teatrais. Nessa «barricada» surgiu Francis empunhando a bandeira da revolta. E a revolução vingou!

Hoje já não são tolerados os antigos ritmos «à presença do publico ilustrado» e seguindo Francis e



Augusto Soares corrige uma attitude.

os seus principios de arte, outros teem, tambem, com inteligencia, acompanhado as modernas tendencias. Entre estes destaca-se Augusto Soares, actualmente no Maria Victoria, que, na verdade, tem feito uma obra digna de menção.

Damos hoje varios aspectos das «girls» do Trindade, com Francis e das que trabalham com Augusto Soares. São raparigas que merecem citação pela forma como teem progredido e sabido honrar os nomes dos seus mestres.

Francis como bom architecto de bailados estuda, em «planos» um numero que, na revista, depois, há-de ergruer aplausos...
(«Foto» Ferreira da Cunha)

AO ALTO:— Assim... Perna bem esticada... NO MEDALHÃO:— Francis comanda um exercicio difficil...



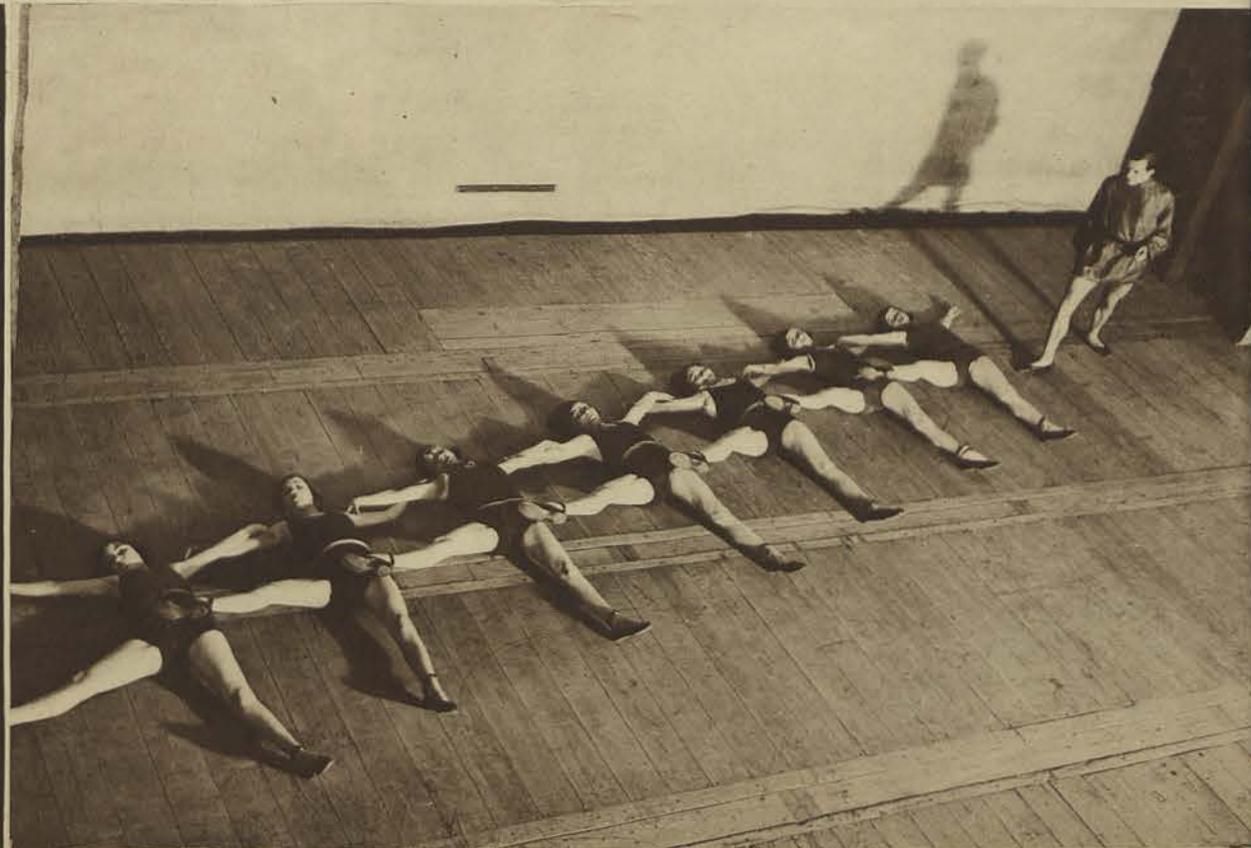
Francis, dá, diariamente ás suas «girls», lições de ginesica.



EM CIMA:— Depois do ensaio. A DIREITA:— Outro «tempo» de outro exercicio.



As «girls» tambem cantam... Mas não acertam com o tom...



A MORTE DO PINTOR ALVES CARDOSO

ALVES Cardoso, o pintor que acaba de desaparecer, ganhou o renome a que tinha direito por seus grandes meritos e brilhantes capacidades. Foi um dos melhores artistas da sua geração. Muito honesto e competente, senhor duma bela inspiração e duma segura tecnica, afirmou-se desde muito novo como um dos mais lidimos valores da Arte Portuguesa. Deixou obra vasta, em que os seus predicados excepcionais constantemente e exuberantemente se demonstram. Honrou, por isso muito bem e sempre, a sua profissão e o seu país.

Felizes se podem considerar aqueles que em suas colecções ou nas suas casas têm quadros firmados pelo seu nome. Para os artistas de valor, e Alves Cardoso era um deles, tem a Morte o condão de valorizar devidamente a sua obra. E assim, daqui por alguns anos, os trabalhos desse pintor admiravel serão apreciaveis tesoiros, cuja posse vai ser disputada com o maior dos interesses.

Outras facetas dignas de realce tinha a sua personali-



de. Era um homem de bem em toda a acepção da palavra. Honradissimo, o seu convívio honrava quantos o possuíam. Era bondoso e generoso. E os seus colegas tinham, por isso, e por ele, o maior carinho. Artistas novos encontravam sempre junto dele amparo e protecção decidida. Alentava e admirava com grandesa, rasgadamente. Depois e ainda, Alves Cardoso era um português ás direitas, um verdadeiro patriota. O seu grande amor pela terra de Po-



AO ALTO:—O Pintor Alves Cardoso—A' ESQUERDA:—Retrato de M.^{me} André Supardo:—EM CIMA:—Mulher entre flores.



tugal não tinha alardes escusados, mas tinha a expressão calma da mais pura sinceridade. A sua obra e o seu coração viviam permanentemente nesse culto.

Alves Cardoso nascera nos arredores de Lisboa, em Caneças, em Maio de 1883. Aos dez anos,

EM DIMA:—Caneças de raparigas. A'DIREITA:—Dobadoura.

princípios a frequentar a Escola de Belas Artes, completando o curso aos dezassete, em 1901. Foi ali sempre aluno distintíssimo, e Mestre Carlos Reis, seu professor, tinha-o como um dos seus mais dilectos discípulos.

Muitas recompensas teve pelos seus trabalhos. A Sociedade Nacional de Belas Artes, consagrara-o, concedendo-lhe a Medalha de Honra. Outras medalhas em varias exposições nacionais e estrangeiras lhe foram também dadas.



Na legação da Argentina

O sr. ministro da Argentina ofereceu, na passada segunda feira, no palacio da legação, um banquete ao sr. ministro dos Negocios Estrangeiros, comandante Fernando Branco, ao qual assistiram os srs. embaixador de Inglaterra, esposa e filha; ministro de Italia e baronesa de Valentino; chefe do protócolo do Ministerio dos Negocios Estrangeiros e Mme. Ferreira de Almeida; Adam, conselheiro da embaixada de Inglaterra; secretario da legação de Italia e Mme. Mariani.



DEPOIS DA VICTORIA

Antonio Ferro chegou a Lisboa

Momentos depois da chegada do illustre jornalista e escritor Antonio Ferro vindo de Espanha onde realisou as formidaveis e patrioticas entrevistas publicadas no «Diario de Noticias».

(«Foto» Noticias)



O Sr. Guilherme Saraiva Maia, gerente da Fabrica de Moagem «A Napolitana» e antigo comandante do Corpo de Salvação Publica de Lisboa, recentemente falecido.



Alguns dos assistentes no baile da Pinhata realizado com grande brilho na «Grupo dos Modestos» do Porto.



Augusto Cunha nosso presado colaborador que vai publicar em breve, editado pela Parceria Pereira um livro de crônicas humorísticas intitulado «Quasi de Graça...»

(Foto Jayme Ferreira).

NO ESTORIL

Os jornalistas belgas assistem a um jantar de homenagem.

Aspecto do jantar oferecido, aos jornalistas belgas que recentemente nos visitaram, pela Comissão de Propaganda da Costa do Sol, no Casino Internacional do Monte Estoril.

(«Foto» Ferreira da Cunha)



FUMEM CIGARROS «SPUD» MENTOLADOS.



A ilustre escritora D. Helena de Aragão cujo ultimo livro de contos «Caminhos da Vida» alcançou um notavel exito.



Dr. Francisco Velozo, ilustre jornalista e advogado que regressou à metropole depois de estadia nas Colonias.



ARTES PLÁSTICAS

A EXPOSIÇÃO ADRIANO COSTA

ESTE ilustre artista—discipulo de Carlos Reis—acaba de realizar uma exposição de alguns interessantes trabalhos a oleo que da critica teem recebido as melhores referências, tendo realizado algumas vendas.



VIAJANTES 'ILUSTRES

DE passagem por Lisboa teve a gentileza de vir cumprimentar-nos o sr. dr. Richard A. Bermann, correspondente do grande quotidiano alemão «Berliner Tageblatt», de Berlim. A nossa fotografia mostra o ilustre jornalista entre Augusto Ferreira Gomes, secretario geral do «Noticias Ilustrado» e os jornalistas Torres de Carvalho e Pereira Ferraz.—(Foto V. Rodrigues.)



CASAMENTO ELEGANTE

O da sr.ª D. Judite de Castro Martinho da Costa Reis com o sr. João Manuel Correia Bravo Granjo, cujo auspicioso enlace se realizou no Porto. Grupo tirado depois da cerimonia religiosa, no terraço do Paço Episcopal, em cuja capela foi celebrado o acto.

NA MARINHA GRANDE

UM grupo de entusiastas marinhenses que este ano deram grande brilho as festas do Carnaval.



NA REGUA

A nossa gravura representa o sr. Governador Civil de Vila Real (X) saindo do Cine Avenida, na Regua, acompanhado de altas individualidades locais, após o almoço que lhe foi oferecido quando da sua recente visita á capital da região duriense.



miscelanea feminina

O «Club dos Martires» de Boulderough—Bandidos galantes—Uma resurreição operada por duas viúvas ciumentas.



NUMA mulher nem sequer com uma flor se bate». Como é hoje revelado e sedição o galante proverbio arabe! Isto era bom para os tempos em que a mulher era a escrava do homem. Hoje, deve dizer-se o seguinte:—Senhoras minhas, num marido não se bate... com violencia. Mas há, perguntarão os incredulos dos dois sexos, esposas que batem assim nos maridos? Há sim, senhoras e senhores que nos leem. Há quem, de saia arregaçada, use e abuse do pesado argumento com que o bom povo entre nós simbolisa a justiça de Fafe. E se assim não fora, para que serviria o «Club dos Martires» que se fundou há pouco tempo na pequena cidade de Boulderough, nos arredores de Halifax, para refugio e reconforto das pobres esposas e retosadas pelas suas caras metades?

A fundação de tal club obedeceu a uma reconhecida necessidade. Logo de inicio os seus dirigentes receberam muitos pedidos de admisión de socios, de modo que houve de adoptar-se o maior rigor para que só entrassem no preclaro gremio os individuos que, pertencendo ao sexo a que convencionalmente se entendeu dever dar o titulo de forte, tivessem de facto, sido victimas das violencias do sexo fraco. Não é esta decerto a conquista feminina menos digna de reter as atenções daqueles que, no triunfo flamante da mulher moderna, esperavam ver a pobre Humanidade atingir o grau de perfeição reclamado, e jamais obtido por sucessivas gerações.

De principio, bastava a um pobre marido alegar que fora vitima dos maus tratos da consorte. Era dito e feito. O Club dos Martires abria as suas portas de par em par, ao pobre diabo, bastando-lhe a palavra da vitima. Agora... mais devagar. E' preciso mostrar os traços, os vestigios da agressão. E a crueldade feminina revela-se em toda a sua amplitude, de modo a fazer rabiar de inveja o proprio Torquemada. São narizes escalavrados, cabeças partidas, faces agatanhadas, lombos zurzidos, nadeegas arroxeadas á força de chinelo. Mas o mais bonito é que o novo socio do Club dos Martires, ao ser admitido, assume o compromisso de honra de reagir de futuro perante os desmandos da esposa...

«A união faz a força» é uma verdade axiomática contida na Sabedoria das Nações, mas da união da fraqueza, seja-nos licito supor, só maior fraqueza poderá advir. Tentará cada fraco membro do Club dos Martires, de por si ou colectivamente, assumir os compromissos que lhes forem exigidos. Mas daí a cumpri-los vai uma distancia, pelo menos, tão grande como aquella que separa um homem que se bate com uma ou mais mulheres, de um homem que se deixa bater... por uma só.



CHICAGO, a grande metropole norte americana, é assunto inexgotavel para cronicas e «films» policiaes. Cognominada a capital do crime, raro é o dia em que um roubo sensacional, um assalto á mão armada, um assassínio de vulto, um atentado terrorista, uma proeza de «apaches» não figure no noticiario dos periodicos. Nessa luta travada

entre a policia e os bandidos, entre a lei e o crime, entre a autoridade e a desordem, nem sempre as primeiras triunfam, muito pelo contrario. Há crimes que entre si constituem uma cadeia de elos. «A» mata «B» do bando «C» e não tarda que «A» venha a ser assassinado por «L» do partido «E» ao qual o defunto «A» pertencia e assim sucessivamente. Os bandidos exterminam-se com saña feroz. Há milionarios cujas grandes fortunas constituem um amontoado de crimes impunes que dolorosamente escaparam ás malhas largas da justiça. Esta, em Chicago, mais do que em parte alguma do mundo, parece ter os olhos vendados... para deixar á vontade os grandes criminosos.

Ora com a impunidade pouco menos que garantida, nenhuma admiração se pode sentir com uma proeza de bandidos levada a efeito o mez passado, a qual porque não dizê-lo?—tem uma graciosidade que não seria para desdenhar nos tempos galantes de duques e marquezes da corte de Versailles.

Dançava-se e brincava-se animadamente na noite de domingo magro num dos mais elegantes «dancings» dos arredores de Chicago, quando, de repente, a sala foi invadida por um grupo numeroso de malfeteiros os quaes de pronto assaltaram a caixa do club, deixando-a completamente limpa de notas e moedas de ouro e prata. Os assistentes, perante a ameaça de carabinas e pistolas aperradas, não se atreveram, sequer, a esboçar um gesto de resistencia ou a soltar um protesto. O terror gelara-os. E vac, depois do dinheiro recolhido, o chefe do bando bradou:

—Mas então, isto é um baile ou um enterro? Toca a dançar... E, dando o exemplo, cingiu em seus braços musculosos uma esbelta rapariga com a qual começou a executar um endiabrado tango.

Os bandidos misturados com a elegante assistencia dançaram a bom dançar, escolhendo, bem entendido, os mais gentis pares... e os mais apetitosos refrescos.

No final da festa organizaram um concurso de beleza ao qual todas as senhoras presentes foram admitidas. O premio de 2.000 dolares, do dinheiro que havia sido furtado, claro está, foi concedido á mais formosa rapariga.

E depois do chefe ter agradecido á assistencia o prazer que lhe proporcionara e aos seus



NA camara ardente, ricamente armada no salão principal do seu opulento palacio de Vera Cruz, repousava, em magnifica urna de mogno e prata, o grande proprietario rural D. Alejandro Garza de la Serza. A luz bruxuleante dos cirios deixava numa semi obscuridade o salão onde a viuva, coberta de crepes, rodeada de pessoas amigas, velava dolorida

o cadaver juncado de flores, sobre as vistas de um Cristo que na cruz se torcia numa agonia torturante. O silencio só era quebrado por gemidos e soluços e pelo murmuro de dialogos abafados. Mas de subito abriu-se uma porta no compartimento, surgiu, como um espectro aterrador, uma outra mulher, igualmente coberta de crepes, que soltava estridentes e aflitivos gritos. Quem era a intrusa que assim se vinha carpir junto daquela eça? Simplesmente D. Ana Maria Rosales, que pretendia ser a primeira e a unica esposa do defunto.

As duas viúvas viram-se então em frente uma da outra. Trocaram os primeiros insultos, agudos como punhaes, amargos como fel. A raiva, o rancor, o odio esvurmou-lhes dos labios. Dos insultos, passaram ás ameaças e das ameaças, a despeito dos esforços dos assistentes que pretendiam pôr termo á indecorosa scena, a vias de facto. Mas o melhor da festa deu-se então. Uma voz dominou todo o escandaloso chinfrim, indagando, grave, tetrica, cavernosa: —Mas que raio de barulho é este?...

O defunto, o sr. Garza de la Serna, de olhos bem abertos, acordado do sono cataleptico que por morto o fazia passar, tentava inutilmente erguer-se.

Aterrorisadas, as duas rivais fugiam a bom fugir, soltando gritos de pânico, seguidas por quasi todos os assistentes, tão atemorizados como elas. Alguns, porem, mais corajosos, vieram em auxilio do «resuscitado» e levaram-no para a cama. A nova da resurreição espalhou-se, breve, pela cidade e muita gente correu ao palacio para ver o «morto-vivo». A policia teve de intervir fazendo dispersar os curiosos.

Quanto ao verdadeiro heroe desta verdadeira historia, interrogado sobre as circunstancias como se operara o seu despertar limitou-se a responder:

—As pessoas que assistiram á «fita» compreenderão que uma disputa entre duas mulheres encolerisadas pelo ciúme e pondo de parte os preconceitos, é mais do que sufficiente para resuscitar um morto... por mais morto que esteja.

sequazes, o bando de malfeteiros desapareceu com o mesmo mysterio com que havia feito irrupção nas salas do «dancing».

De admirar não será, e dizer o contrario seria desconhecer a psicologia feminina, que algum dos bandidos deixasse saudades em qualquer formoso coração... mais romanesco.

SAUL TOPASBA

CHARADAS

SECÇÃO CHARADÍSTICA SOB A DIRECÇÃO DE «VISCONDE DA RELVA»

Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser endereçada a Américo J. L. Coelho, Rua D. Pedro V, 18—LISBOA.

ANO II—N.º 91 MARÇO, 16
8.º TORNEIO 1 9 3 0
APURAMENTO DO 7.º TORNEIO
N.ºs 73 a 84

Produções publicadas 152

Decifradores

A. D. MEIRA	152
VISCONDE DO PRADO	99
LAURITA	91
TANAGRA	91
JOTEMIRA	68

Colibri, 65—Mignon, 51—Recruta, 44—M. Mandstlay, 38—Norton, 58—Renandof, 38—Zé Figo, 38—Alegarismo, 37—Argos, 24—Abade, 12—Baeta, 12—Bolinha de Neve, 11—Rapazinho, 11—Machado, 9.

CLASSIFICAÇÃO DOS DECIFRADORES

- 1.ª Categoria—A, D, MEIRA
- 2.ª Categoria—VISCONDE DO PRADO
- 3.ª Categoria—LAURITA—TANAGRA—JOTEMIRA

CAMPEÃO

O titulo de Campeão de Decifradores deste torneio pertence ao distinto charadista «A. D. Meira», cuja fotografia será publicada num dos próximos números.

Produtores

A. D. Meira, 11 produções—Visconde do Prado, 11—Renandof, 10—Soba da Torre, 9—Vasco Dias, 9—Cardial de Vigny, 7—Africanos, 6—Colibri, 6—Agá Larbac, 5—Chica Sotola, 5—Apincruz, 4—Laurita, 4—Luagnus, 4—Saturno, 4—Tanagra, 4—Mister Misterio, 5—Alegarismo, 2—Arsênio Lupin, 2—Buzifero, 2—Pascácio, 2—Recruta, 2—Rei Fantasma, 2—Romera, 2—Rui Severo, 2—Xigato, 2—Abade, 1—Baeta, 1—Ben-Hur, 1—Filipa, 1—Fleur d'Amour, 1—Gigollette, 1—Mário & Silva, 1—Mignon, 1—Norton, 1—Rei da Sombra, 1—Rei Nadio, 1—Zé Figo, 1.

(Continuação na pag. 29).

O célebre maestro Stokowsky e a notavel Orquestra de Filadelfia impressionam



a Grande Pascoa Russa,
de Rimsky-Korsakow

A Orquestra Sinfónica de Filadelfia impressiona exclusivamente discos "His Master's Voice"

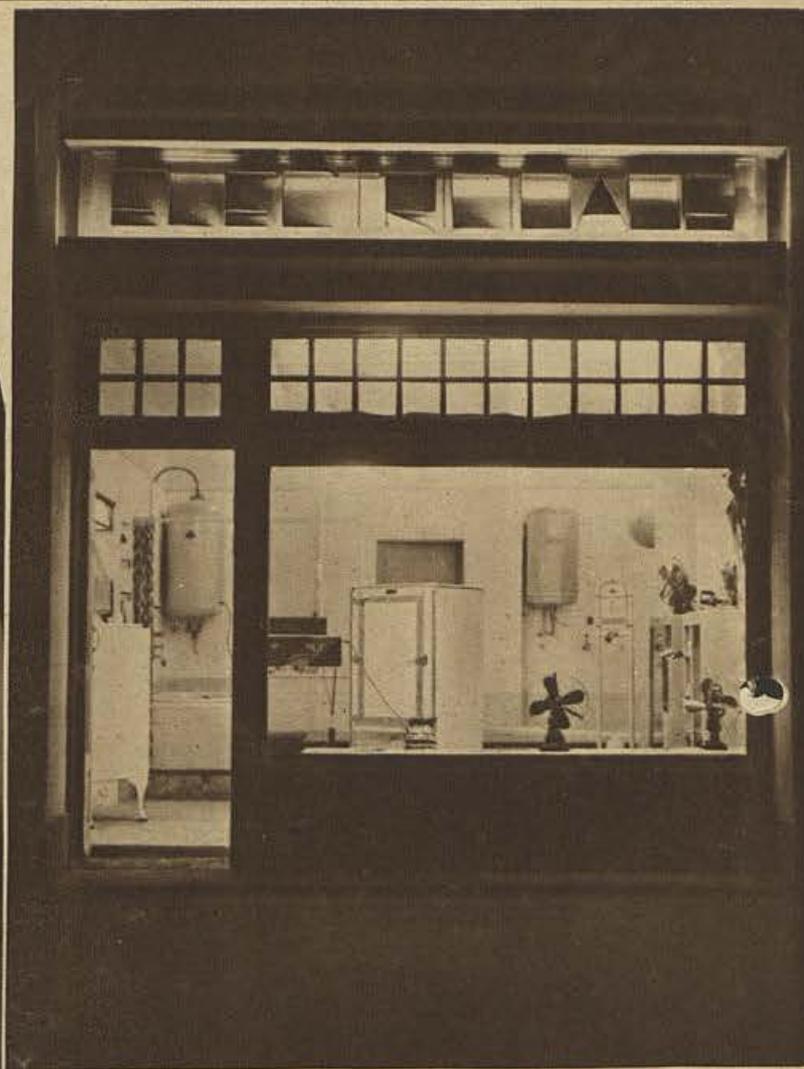
A Orquestra Sinfónica de Filadelfia, sob a direcção do grande Stokowsky, impressionou recentemente, não só a célebre «Grande Pascoa Russa» (D-1676/1677) de Rimsky-Korsakow, mas tambem o Concerto núm. 2, em dó menor, Op. 18, 3 movimentos, de Rachmaninoff (em cinco discos duplos, D B-1333).

Outras, e igualmente notaveis, são as ultimas produções da «His Master's Voice»: figuram nelas discos da Orquestra Filarmonica de Viena de Austria — as Danças Hungaras nos. 1 e 2 de Brahms (B-3145); da Orquestra Sinfónica dirigida pelo maestro Coppola, o Nocturno núm. 1 de Debussy (C-1691); e os quatro discos em que Thibaud, Casals e a Orquestra de Pablo Casals (dirigida por Cortot) gravaram o duplo concerto em lá menor, op. 102, de Brahms (DB-1311 a 1314).

Peça uma audição destes discos, assim como dos novos discos de opera, de canções populares e de danças, a qualquer casa onde se vendam os discos e aparelhos «His Master's Voice». Se ainda os não conhece, ficará deslumbrado com elles. Grande Bazar do Porto, Lda., Rua Augusta, 150-152, Lisboa. Rua de Sta. Catharina, 192-198, Porto.



“HIS MASTER'S VOICE”



MUITO AVISO IMPORTANTE

A Sociedade COMPANHIAS REUNIDAS GAZ E ELECTRICIDADE tem a honra de informar os habitantes de que, no intuito de lhes permitir o aproveitarem-se das **vantagens que a energia electrica oferece**, procede á montagem d'instalações, pagaveis em doze prestações mensaes, em todos os predios para os quaes seja feito o respectivo pedido.

Estas instalações comprehendem:

A taxa das Industrias Electricas, a ligação á rêde,

a portinhola, o quadro, 2,3 ou o maximo, 4 lampadas, colocadas em dependencias contiguas, e 1 tomada de corrente.

Alem d'isto esta SOCIEDADE oferece, gratuitamente, aos clientes d'esta categoria um ferro d'engomar.

Basta um simples pedido dirigido ao serviço de Propaganda das Companhias Reunidas para que um agente nosso se dirija onde fôr requisitado, e sem encargos para o cliente, afim de prestar todos os esclarecimentos precisos.

ECOS DO CARNAVAL



Manoel Maria d'Albuquerque Pereira Moreira Rato (Luiz XV)—«Foto» Brasil—Elvira Baptista Gomes—João, Pedro e Carlos Eurico.

EM CIMA:
—Maria
Luisa Fra-
ga, em tra-
jo de 1830.
—«Foto»
Matos).

A' DIREI-
TA :—Ma-
ria Sofia e
Henrique-
ta de Aze-
vedo Lope-
s — de
Leiria. —
(Foto Vas-
co Costa),



Maria Aurelina de Moraes Vale—Lidia Ferreira Arrós—Pe-
dro Ruivo de Araujo.

EM CIMA:—Flora e Noemia
Conde—EM BAIXO :—Arlette
Hortense da Silva—(«Foto» V.
Rodrigues).



José Tomaz dos Santos—João Pereira—Maria de Lourdes Pereira—Maria
Eduarda Cruzes da Costa Paso.

EM CIMA :

Maria Teresa
Albuquerque.

A' DIREITA :

Maria Helena
Faria, de tra-
jo da Edade Mé-
dia.



Maria Filomena Alves Moraes—José Manoel Martins Rozas
—Maria do Carmo Ribeiro da Costa, filha do grande costu-



CHARADAS

(Continuação da página 18)

CLASSIFICAÇÃO DOS PRODUTORES

Resultado das Votações

PRODUTOR	Quodros	com 21 Votos
VASCO DIAS	4	>
CHICA SALOIA	5	> 19 >
VISCONDE DO PRADO	1	> 8 >
AFRICANO	1	> 6 >
AGÁ LAR AAC	1	> 4 >
CARDIAL DE YIGNY	1	> 4 >
RUI SEVERO	1	> 4 >

Outras Votações

Africano, 4 votos - Agá Larbac, 4 - Saturno, 4 - Mister Místico, 5 - A. D. Meira, 2 - Apincruz, 2 - Renandof, 2 - Soba da Torre, 2 - Abade, 1 - Cardial de Vigny, 1 - Luagnus, 1 - Rui Severo, 1 - Vasco Dias, 1 - Visconde do Prado, 1 - Xigato, 1.

CAMPEÃO

O título de Campeão de Productores deste torneio

pertence ao distinto charadista «Vasco Dias», cuja fotografia será publicada num dos próximos números.

CHARADAS SINCOPADAS

1 A minha *evasia* teve por origem a maneira como te manifestaste. - 5-2.

Lisboa

COLIBRI

2 Que *desgraça*, por cauda da *bebedeira*. - 5-2.

Pôrto

LUAGNUS

3 Ofereceram-me um *pedaço de lenha miuda*, pelo qual fiquei muito reconhecido. - 3-2.

Lisboa

STOCK

CHARADAS NOVÍSSIMAS

4 Foi uma cidade da Índia Portuguesa, que eu *exouz* um lindo *candeiro pequeno*. - 2-1.

Lisboa

A. D. MEIRA (A. C. P. B.)

5 V. *discursa incoerentemente* e não *notas* que o seu discurso *fastidioso e desconexo* aborrece? - 4-1.

Pôrto

APINCRUZ

6 Dizeres que é *recente* a data em que te divorciaste, mostra a tua *impudência*, o teu já comprovado *descaramento*. - 2-1.

Lisboa

LATA ESTANHADA

7 Fui eu que *destruí* a sua obra, e por isso gosto de a ver *arrasada*. - 5-1.

Coimbra

PASCÁCIO

(Ao confrade e amigo «Da Reiça», agradecendo o bom acolhimento que me tem feito e penhorado nas inúmeras atenções com que me tem cumulado).

8 O seu *carácter recto e leal* faz com que o considere *um* homem *valoroso* 1-3-1.

Pôrto

RENANDOF (G. E. L.)

9 É de *metal fundido* a caixa que encerra *os* *«vermes»*. - 2-1.

* que roi a madeira.

Lisboa

SAVLER LEUNAM

10 Outro dia, por causa de uma questão de *dinheiro*, houve uma *luta entre homem e homem*. - 5-3.

S. J. da Barra

SOBA DA TORRE (A. C. P. B.)

Lave, ondule e corte o seu cabelona

Academia Científica de Beleza

Avenida da Liberdade, 35 — LISBOA

TELEFONE NORTE 3641

«OS SPORTS»
BI-SEMANARIO

EDIÇÃO DO «DIARIO DE NOTICIAS»

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua do Diario de Noticias 78 — Telefone T. 821



Nestas dores -

CAFIASPIRINA

Em breve desaparece a dor, voltando o bem estar e nova alegria de viver.

Não ataca o coração nem os rins.

Tambem a Cafiaspirina é um produto da acreditada casa



Bayer

Cherry Rocher

O «Cherry» que se bebia à mesa de Luiz XIV



Grandes Licores «ROCHER FRÈRES»

REPRESENTANTE GERAL PARA PORTUGAL E COLONIAS

JOÃO ALVES DE MATTOS

277, RUA DOS FANQUEIROS, 277

COGNACS

E. REMY MARTIN & C.º

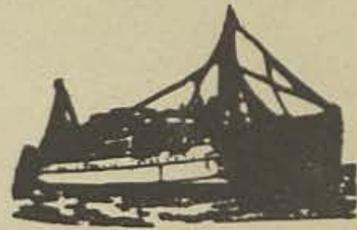


**Representante Geral para
Portugal e Colonias**

JOÃO ALVES DE MATOS

R. dos Fanqueiros, 277

NELSON LINE



O NOVO E MAGNIFICO PAQUETE

«HIGHLAND HOPE»

ESPERADO A 31 DE MARÇO

PARA

Vigo, Boulogne e Londres

Para carga e passagens de primeira,
intermediaria e terceira classes, tratar

com

OS AGENTES:

Em Lisboa — E. Pinto Basto & C.º, Ltd.

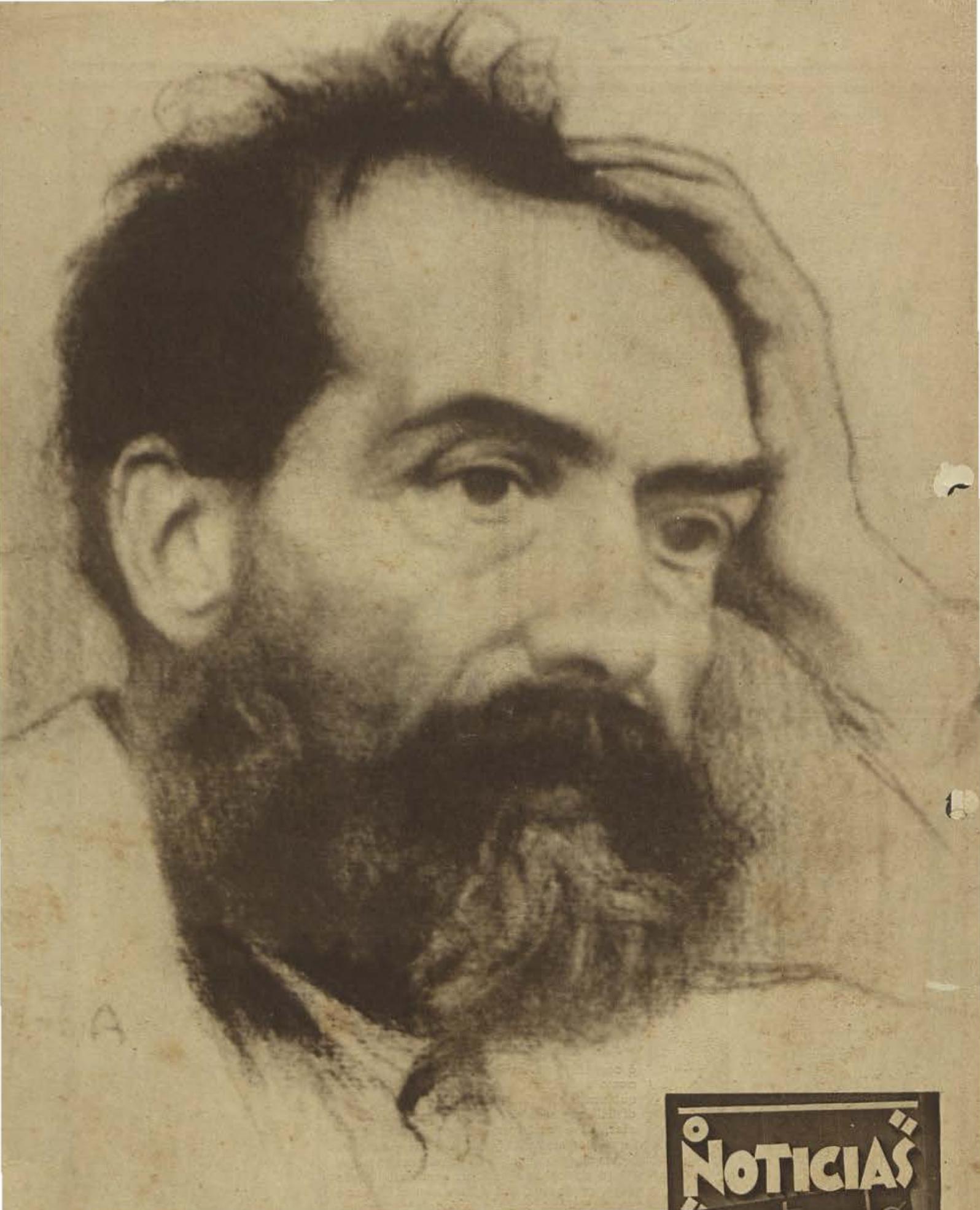
AVENIDA 24 DE JULHO, 1, 1.º

Telefones Trindade 3601, 3602, 3603, 3605

Atophan
Schering

Em todo o mundo

é conhecido o "Angulo Schering" nas etiquetas, como a melhor garantia da mais alta pureza química e eficacia curativa. Repare V. E. neste distintivo ao adquirir os produtos Schering. Entre eles, deve conhecer o Atophan, porque em qualquer momento pode V. E. ser vítima de um ataque reumático ou gotoso, contra o qual é o Atophan o remedio sem rival. A sua acção curativa é rápida e segura. Elimina o ácido úrico e não produz efeitos desagradáveis ou nocivos. Embalagem original: Tubos com 20 comprimidos de 0,5 gr.



O CENTENARIO DE JOÃO DE DEUS

O GRANDE POETA E PEDAGOGO QUE PORTUGAL CELEBRA NESSE MOMENTO NÃO PODE TER MAIOR E MAIS PERDURAVEL CONSAÇÃO DO QUE OS ADMIRAVEIS JARDINS-ESCOLAS QUE USAM O SEU NOME. AUXILIAR ESSA OBRA FORMIDAVEL É SER PORTUGUÊS.

NOTÍCIAS
ilustrado
EDIÇÃO SEMANAL DO
DIÁRIO DE NOTÍCIAS